

### **3. Discernimento inaciano: a liberdade humana respondendo a Deus**

A abordagem de elementos de antropologia nos ajudou a compreender que o discernimento integra a estrutura humana e, por isso, não é uma dimensão destinada apenas a algumas pessoas. A tarefa de escolher e de decidir é um dos aspectos mais centrais da antropologia, pois está diretamente vinculada à liberdade. A antropologia teológica nos ajuda a compreender o sentido verdadeiro dessa liberdade e o indissociável elo desta com a responsabilidade. O discernimento aparece como elemento preponderante na geração de uma liberdade responsável.

Prosseguiremos nossa investigação com a análise do discernimento do ponto de vista de Inácio de Loyola, com suas experiências e sistematizações, após termos inquirido traços de discernimento na Sagrada Escritura e alguns de seus fundamentos antropológicos.

#### **3.1. Gênese histórica: a experiência de Inácio de Loyola**

##### **3.1.1. Onde tudo começou: a convalescença em Pamplona**

No século XVI espanhol viveu um jovem chamado Iñigo López<sup>81</sup> com vocação a grandes ideais. Ele só não podia imaginar que um dia se tornaria um grande mestre de discernimento, influenciando ricamente a vida de tantos cristãos e da Igreja ainda hoje. Experimenta extremos da vida, desde um nobre cavaleiro de amor impetuoso e generoso, enamorado de uma nobre dama, que sonhava com glórias militares a uma “condição humilde [...] [de] soldado ferido de uma aristocracia rural provinciana, [...] combatente [...] num rincão pequeno da Espanha, [...] e o pajem fiel perdido no meio à corte numerosa”<sup>82</sup>. Tensões fortes na vida de Inácio que não deixam de ser uma preparação “para decifrar, de modo explícito e pedagógico, o misterioso jogo da graça na corriqueira trama da vida

---

<sup>81</sup> Nome de batismo de Inácio.

<sup>82</sup> LIBÂNIO, J. B. *Discernimento espiritual*. p.123.

diária”<sup>83</sup>. Mais tarde, o próprio “Inácio reconhece que Deus, que está na origem de toda vocação, o dirige segundo suas vias. Por isso mesmo, chegando ao termo, ele não renega nenhuma das etapas da caminhada, nem mesmo os excessos dos primeiros anos [de sua conversão]”<sup>84</sup>.

Dessa maneira, o nobre cavaleiro terá a chance de desenvolver sua doutrina sobre discernimento com grande e significativa bagagem de experiências humanas; nada é descartado. É, portanto, o discernimento inaciano, um discernimento encarnado, de raízes profundas, que não escapa da realidade humana e cotidiana; e que deve ser compreendido como processo ou como uma espécie de “deixar-se ensinar”, pois “não foi num só dia que se deu a mudança num homem que tinha *um grande desejo de obter honra*”<sup>85</sup>. As contradições vividas por ele o ajudariam ainda a perceber a indiscutível necessidade humana de buscar o equilíbrio. E, assim como vimos na abordagem joanina, não há espaço para neutralidades em Inácio. Um verdadeiro exercício de discernimento, pois admite as polaridades. Assim, sem dúvida, Inácio se nos apresenta também como um grande observador da vida.

A partir disso, podemos compreender que Deus nos encontra a partir de nossa realidade e situação, e aos poucos somos por Ele capacitados para discernir os nossos devaneios, ilusões, desejos e impulsos. É a participação em um novo conhecimento e, conseqüentemente, em uma nova realidade que traz em si a exigência da busca e da vivência do caminho que nos conduz para a “maior glória de Deus e maior utilidade das almas” (Autob. 85).

Não foi diferente com Inácio. Estava ele na fortaleza de Pamplona a qual foi atacada pelos franceses. No dia do bombardeio, depois de já haver desabafado com um de seus companheiros de arma, uma bala de canhão atingiu a sua perna deixando-a toda quebrada. As conseqüências foram graves. As tentativas médicas para tratarem da perna de Inácio não tiveram sucesso e ele ia piorando cada vez mais, ao ponto de não conseguir nem se alimentar. Apresentava mesmo sinais de morte. Foi quando recebeu os sacramentos na véspera da festa dos santos Pedro e

---

<sup>83</sup> Ibid., p.123.

<sup>84</sup> DHÔTEL, Jean-Claude. Apresentação do livro *O Relato do Peregrino*. In: *Escritos de Santo Inácio: O Relato do Peregrino*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 18.

<sup>85</sup> Ibid., p. 19.

Paulo<sup>86</sup>. Surpreendentemente, naquela mesma noite, a melhora viera a acontecer e passados alguns dias saiu do perigo de morte que corria. O jovem cavaleiro era muito vaidoso e, portanto, ainda quis se sujeitar a outra cirurgia e a alguns procedimentos para a perna ficar do seu gosto, pois apesar do membro ter ficado sadio, não ficou esteticamente perfeito. Uma perna tinha ficado maior que a outra. A sua convalescença ainda duraria alguns meses até que pudesse se apoiar sobre a perna. Foi daí que precisou ficar acamado por mais algum tempo.

Os gostos e as vaidades de Inácio continuaram encontrando empecilhos para serem satisfeitos. Para se distrair e passar o tempo ele pediu alguns livros que costumava ler: os chamados romances de cavalaria. Contudo, no castelo de Pamplona não havia esse tipo de literatura. Foi então que, na ausência destes, teve contato com livros, *Vita Christi* de Ludolfo de Saxônia e *Flos Sanctorum* de Jacob de Viraggio, que o despertaram para algo nunca antes sentido. Ele começara “a sentir o jogo contraditório dos sentimentos. Ora se punha a pensar no que lera dos livros sobre Cristo e os Santos, ora se entregava aos sonhos de ‘muchas cosas vanas’”<sup>87</sup>. No começo, ele não buscava interpretar esses sentimentos, apenas sentia-os, tanto que “quando concebia esses propósitos, parecia encontrar em si facilidade para pô-los em prática” (Autob. 7). Mas, depois de muito observar a diferença entre os pensamentos e os sentimentos sem, contudo, cair em conta disso,

seus olhos se abriram um pouco, e começou a maravilhar-se dessa diversidade e a refletir sobre ela. Então, *por experiência*, aprendeu que uns pensamentos o deixavam triste e outros, alegre. Assim, *pouco a pouco*, chegou a conhecer a diversidade dos espíritos que o moviam: um do demônio e outro de Deus (Autob. 8)<sup>88</sup>.

Essa foi sua primeira reflexão relacionada às questões sobre Deus. Um tanto sensível, atenta e refinada, e que mais tarde ganhará grande destaque nos seus escritos: o tema das *moções*. Começa assim sua aventura na arte do discernimento que consiste em captar, sentir, distinguir, elaborar e decidir, numa lógica de processo e que, por isso, pode sempre avançar. É como nos ensina Dhôtel na apresentação do livro *O Relato do Peregrino*: existe um caminho a percorrer, a ser

<sup>86</sup> “O enfermo tinha sido e era devoto de São Pedro”. In: *Escritos de Santo Inácio: O Relato do Peregrino*. Tradução de R. Paiva. São Paulo: Loyola, 2006. p. 28. Título original: *Écrits*. A partir de agora, para citação do *Relato* utilizaremos apenas a abreviatura Autob. seguida do número correspondente no corpo do texto.

<sup>87</sup> LIBÂNIO, J. B. *Discernimento espiritual*. p. 124.

<sup>88</sup> Grifo nosso.

traçado, nada está pronto, de etapa em etapa, a tarefa de decidir sobre a direção a tomar deve ser posta em prática. Por isso,

Inácio duvida, hesita, examina a situação, observa *o que se passa em sua alma*, distingue as falsas consolações das verdadeiras, olha para que o inclina e, principalmente, para onde o leva *o consentimento da vontade*. Finalmente, quando já não pode duvidar, reconhece a vontade de Deus e decide, animado de tal certeza e da confiança que nenhum obstáculo pode detê-lo<sup>89</sup>.

Um verdadeiro exercício espiritual na diversidade das moções, que ora lhe traziam consolações, ora falsas consolações, ora desolações, ora consolações sem causa aparente, e que lhe requeriam alguma tomada de posição. E assim, Inácio ficava deslumbrado diante desse tal jogo de sentimentos.

O que aparentemente fora sido o início de uma desgraça sem volta, o ataque à fortaleza de Pamplona e depois a sua convalescença foram, na verdade, o início de uma admirável jornada de encontro com Deus onde Inácio buscará com generosidade de ânimo “em tudo amar e servir” (EE 233).

Essa primeira reflexão de Inácio foi verdadeira lâmpada para o tema da diversidade dos espíritos desenvolvido mais tarde no livro dos Exercícios Espirituais. E, começando a enxergar melhor os seus erros, foi-lhe, sem dúvida, também, determinação para realizar os santos desejos que agora sobressaíam mais que os desejos da carne. O jovem cavaleiro fazia ver uma mudança que se operava em seu íntimo. Visivelmente diferente e com novas aspirações, gastava o seu tempo em conversar sobre Deus, ler coisas santas e orar. E nesses tempos, o *Relato* já nos indica uma típica forma de oração inaciana: “uma contemplação que suscita o desejo de *servir*”<sup>90</sup>.

E assim foi os seus oito meses de convalescença rumo a uma vida diferente, nova, repleta de surpresas e incertezas, sem nada definido, segura apenas na graça de Deus, que Inácio experimentara de um modo tão heterogêneo e criativo. O tempo de partir havia chegado.

<sup>89</sup> DHÔTEL, J-C. Apresentação do livro *O Relato do Peregrino*. p. 20.

<sup>90</sup> Id., nota 15. In: *Escritos de Santo Inácio: O Relato do Peregrino*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 33. Em *Autob.* 11 encontramos caracterizado o que dissemos no corpo do texto: “A maior consolação que recebia era contemplar o céu e as estrelas, o que ele fazia, então, muitas vezes e por muito tempo, pois sentia um empenho muito grande em servir a Nosso Senhor”.

### 3.1.2.

#### Mais experiências de discernimento: Montserrat e Manresa

Como dissemos anteriormente, nem os excessos dos primeiros anos da conversão de Inácio foram descartados, sua vida é um conjunto. No *Relato* isso é claro na descrição do caminho feito por ele até Montserrat. Deixa sublinhado, no entanto, que são histórias contadas a fim de demonstrar sua “cegueira” e não como uma história edificante digna de imitação: “Não sabia o que era humildade, nem paciência, nem discrição para regular ou medir essas virtudes. Toda a sua intenção era realizar grandes obras exteriores, porque assim as tinham praticado os Santos, para a maior glória de Deus, sem olhar nenhum outro ponto particular” (Autob. 14). Nesse período estava convencido de que os feitos heroicos eram mais valiosos que a prática da caridade discreta, apesar de praticá-la também (cf. Autob. 18).

O caminho para Montserrat lhe trouxe novas descobertas a respeito das moções; suas anotações se enriqueciam cada vez mais. Foi assim que tendo encontrado com um mouro no meio do caminho teve a oportunidade de conversar com ele coisas sobre a fé. Contudo, tinham concepções diferentes a respeito da virgindade de Maria e a tentativa de Inácio de convencê-lo do contrário foi vã. De tudo isso, ficou o vazio na estrada com a pressa do mouro em seguir adiante e uma série de confusões na cabeça do Peregrino. Ocorreram-lhe, então,

umas *moções*, que causaram *descontentamento* em sua alma, porque lhe parecia que não tinha cumprido o seu dever. Estas moções *lhe provocavam indignação* contra o mouro. Tinha receio de ter procedido mal, consentindo que um mouro dissesse tais coisas de Nossa Senhora, e por isso achava que tinha obrigação de ir reparar a honra dela. E desse modo *lhe vinham desejos* de ir procurar o mouro e dar-lhe umas punhaladas por causa do que tinha dito (Autob. 15).

Um combate interior que lhe causara descontentamento e indignação e que na verdade não o conduziu a decisão alguma. Assim, os desejos sentidos por Inácio não o instigaram suficientemente que o levassem a prestar contas com o mouro, ao contrário, desencadearam-lhe uma série de dúvidas. Felizmente o seu propósito de punhaladas não teve sucesso, continuando o caminho para Montserrat. Depois de ter concluído a sua peregrinação até o santuário mariano erigido em abadia beneditina e cumprido os seus propósitos, o Peregrino ainda

passaria por Manresa<sup>91</sup> antes de seguir para Barcelona. Ali não pôde passar despercebido por mais que desejasse. Sua passagem por Montserrat deixara rastros que o acompanhariam desde então. Começa uma nova experiência para Inácio, mais surpresas viriam por aí.

A ascese continuava. A abstinência alimentar rigorosa e uma série de outras medidas que contrariavam a sua vaidade foram cumpridas com grande determinação como, por exemplo, não cuidar das unhas nem dos cabelos, deixando-os crescer naturalmente. Concomitantemente a tudo isso os traços espirituais ficavam cada vez mais marcados. Sua estadia em Manresa, que durou aproximadamente um ano, pode ser distinguida em três períodos: “no primeiro, viveu na alegria e na igualdade de ânimo (Autob.19); no segundo, na desolação e no tormento dos escrúpulos, durante ‘muitos meses’ (23-25); no terceiro, na consolação e com iluminações (26-32)”<sup>92</sup>.

Embora pudesse sentir e perceber a diversidade das moções que se passavam em seu íntimo, Inácio, até então, perseverava num mesmo estado interior de alegria. Ele ainda não possuía “nenhum conhecimento das coisas interiores espirituais” (Autob. 20). Mesmo tentado por um pensamento angustiante com relação ao tipo de vida que começara a levar: “‘Como você poderá suportar esta vida durante os setenta anos que você deve viver?’” (Autob. 20), Inácio, sentindo que aquilo não vinha de Deus, responde interiormente com força e entusiasmo: “‘Miserável! Será que tu podes me prometer uma hora sequer de vida?’ E assim ele vencia a tentação e continuava tranquilo” (Autob. 20). Empregava maior parte do seu tempo na oração pessoal e participava sempre com muita devoção das missas e oração das horas, com as quais sentia muita consolação.

Mas esse estado de ânimo começaria a dar lugar a outros tipos de sentimentos e sensações. A tranquilidade com que o Peregrino passava pelas tentações era agora alternada por torpores e desgostos; por vezes, não sentia vontade nem de rezar nem de ir à missa, coisas espirituais que costumavam lhe trazer grande alegria e força. E, “outras vezes, era o contrário que lhe acontecia: parecia-lhe que a tristeza e a desolação lhe tinham sido tiradas como uma capa

---

<sup>91</sup> Os motivos que fizeram Inácio desviar para Manresa antes de seguir para Barcelona podem ser encontrados na nota 11, p. 39 do *Relato*.

<sup>92</sup> DHÔTEL, J-C. Nota 1. p. 41.

que se tira dos ombros de uma pessoa” (Autob. 21). Anuncia-se, assim, um novo período na vida de Inácio: o período de provas. O sobe e desce interior seria mais comum do que ele podia imaginar. Uma nova experiência, de certa forma assustadora, que fez brotar de Inácio o seguinte questionamento: “Que novo caminho é este que nós começamos agora?” (Autob. 21).

O grande desejo de servir a Nosso Senhor em todas as coisas e de ser útil ao próximo continuava sem, contudo, vir acompanhado, algumas vezes, como dissemos, de consolações. O “peso” dos seus pecados parecia aumentar cada vez mais, foi daí que lhe sobreveio o sofrimento por causa dos escrúpulos. Mesmo buscando todos os meios possíveis e sabendo que tais escrúpulos lhe faziam mal, não conseguia se livrar deles; continuavam a lhe atormentar, mesmo que de modo sutil.

Mesmo com tantas alternâncias e sem a cura para tantos escrúpulos, “o novo soldado de Cristo” (Autob. 21) perseverava<sup>93</sup> no regulamento de vida que havia fixado. Os temores não lhe arrancavam o desejo de continuar a caminhar. Como verdadeiro servo de Deus intuía que o melhor caminho seria o da oração<sup>94</sup>. Ele não custou entender e enxergar que só de Deus lhe poderia chegar a cura para tantos tormentos: “Socorre-me, Senhor, pois não encontro remédio entre os homens nem em qualquer outra criatura! Se eu pensasse encontrar, nada me pareceria penoso! Mostra-me, Senhor, onde posso encontrar! Mesmo que fosse

<sup>93</sup> Talvez esta tenha sido a grande “arma” de Inácio: a perseverança. E de tantos outros santos, como Teresa de Jesus. É assim que nos capítulos 21, *Diz o muito que importa começar com resolução inquebrantável o caminho da oração, sem fazer caso dos obstáculos suscitados pelo demônio*, e 23, *Quanto importa não retroceder quem encetou o caminho da oração. Insiste sobre a necessidade de enveredar por ele resolutamente*, do seu livro *Caminho de Perfeição*, a santa se dedica ao tema da perseverança enfatizando sua importância na vida daqueles que começam o caminho da oração: “aos que o querem seguir sem parar, até o fim, até chegar a beber desta água de vida, direi como se há de principiar. Importa muito, e acima de tudo, uma grande e firme determinação de não parar até chegar à fonte de água viva, venha o que vier, suceda o que suceder, custe o que custar, murmure quem murmurar, quer chegue ao fim, quer morra no caminho, ou falte coragem para os sofrimentos que nele se encontram. Ainda que o mundo venha abaixo havemos de prosseguir” (C 21, 2). O medo e as tentações, segundo ela, não podem deter essas pessoas: “Nenhum caso façais dos temores que vos quiserem inculcar, nem dos perigos que vos pintarem. Seria engraçado, sem correr algum perigo, ir em busca de um grande tesouro por caminho infestado de salteadores! [...]. Se quereis conquistar um grande tesouro, [...], como diz o Senhor, ide por estrada real e caminho seguro” (C 21, 5). Cf. ainda C 23 onde Teresa discorre as causas para se começar assim esse caminho: com grande determinação. Note-se ainda que o termo “perseverança” é originalmente referido por ela na expressão “determinada determinação”. As citações e as referências se encontram em: SANTA TERESA DE JESUS. *Caminho de Perfeição*. Tradução do autógrafo de Valladolid. São Paulo: Paulus, 2012. pp. 125-130.136-139.

<sup>94</sup> É célebre a frase de Teresa de Jesus a respeito disso: “Crede-me, não vos deixeis enganar quando vos indicarem outro caminho. Só há um caminho: o da oração” (C 21, 6). E em outro momento diz: “Se os profanos apregoam perigos na oração, o servo de Deus procura dar a entender, mais pelas obras que pelas palavras, quanto ela é excelente” (C 21, 9).

preciso seguir um cachorrinho para que ele me desse o remédio, eu o faria” (Autob. 23). No entanto, com grande violência, os escrúpulos continuavam juntamente com as tentações.

Mais uma vez apoiado no exemplo dos santos<sup>95</sup>, decidiu jejuar até obter de Deus a graça que tanto almejava: ver-se livre de tantos escrúpulos. A pedido de seu confessor, tal propósito fora interrompido mesmo julgando ter ainda bastante força para continuá-lo. A pena pelos seus pecados seguia lhe maltratando sem, contudo, lhe arrancar a coragem divina que o fazia perseverar.

Foi, então, de acordo com o *Relato*, que “o Senhor quis que ele acordasse como de um sonho” (Autob. 25). Começou a refletir sobre os meios pelos quais essas agitações lhe haviam sobrevindo. Tendo, pois, encontrado a raiz desses infortúnios, “decidiu-se, com uma grande clareza, nada mais confessar das coisas passadas. Assim, a partir desse dia, permaneceu liberto desses escrúpulos, tendo como certo que o Senhor o quisera libertar por sua misericórdia” (Autob. 25). Sucedeu que Inácio nunca mais deixou de considerar o que se passava em seu interior, buscando a origem dos seus sentimentos, conhecimentos e agitações: bom ou mau espírito. Desse modo, as conclusões as quais chegava o iam conduzindo dos excessos ao equilíbrio, mesmo quando considerava estar convicto com relação a muitas coisas (cf. Autob. 27).

Na época de Manresa, Inácio sentia que “Deus se comportava com ele como um professor se comporta com seu pequeno aluno: ensinando-o” (Autob. 27). Com isso, nos é possível observar seu processo e progresso humano e espiritual. A sua conversão não fora um feito de mágica nem fruto de alienações, pois parece-nos claro que suas experiências nunca deixavam de passar pelo crivo do discernimento, mesmo que, às vezes, demorasse um pouco. Não importa, pois o Peregrino estava cada vez mais convencido de que Deus tem os seus caminhos e, por sua misericórdia, nos ajuda a acordar de possíveis sonhos e ilusões. Cabe-nos abertura e confiança.

O exercício de examinar bem as moções, o qual cada vez mais vai se fazendo presente na vida de Santo Inácio, não deixa de ser também um exercício de liberdade, já que em tudo se busca o melhor, o equilíbrio, a humanização da pessoa, a verdadeira paz e a vontade de Deus. Tira-nos de nossa cegueira e de

---

<sup>95</sup> Exemplo copiado de Santo André.

nossos fixismos; abre-nos para a novidade do Espírito de Deus, que é amor, nunca se esgotando em criatividade.

A vila de Manresa foi uma verdadeira escola para o santo basco. Foi-lhe lugar de experiências marcantes e onde pôde também experimentar as mais variadas moções: alegria, consolo, desgosto pela vida, desolação, dúvidas, certezas, iluminação. Tudo isso haveria de contribuir ricamente no seu conhecimento espiritual e no seu discernimento. O seu entendimento<sup>96</sup> nas coisas de Deus crescia, sentindo muito consolo nisso, embora, algumas vezes, não se lembrasse muito ou não soubesse explicar. Não podia, contudo, duvidar, como ele mesmo diz, da grande dedicação que o Mestre tinha para com ele. Foi também nesse lugar que aqueles excessos começaram a ser abandonados<sup>97</sup>, “depois que começou a ser consolado por Deus e viu o fruto que fazia nas almas, [...]. Daí por diante, ele aparava as unhas e os cabelos” (Autob. 29). Essas mudanças foram feitas com paz e serenidade, convicto de que assim agradaria a Nosso Senhor.

Nessa época de tanto desenvolvimento espiritual, uma experiência haveria de se destacar: a visão do rio Cardoner. Esta teria sido a mais importante. Um dia, Inácio foi a uma igreja que ficava cerca de um quilômetro e meio de Manresa. Em certo momento, interrompeu o trajeto e sentou-se um pouco, voltado para o rio que corria perto do caminho, o Cardoner. Foi, então, que, “estando ali sentado, os olhos do seu entendimento começaram a se abrir. [...] ele compreendeu e conheceu numerosas coisas, tanto espirituais como coisas que dizem respeito à fé e às letras. E isso com uma iluminação tão grande que todas elas lhe pareciam novas” (Autob. 30). Um entendimento nunca antes conhecido e experimentado que havia lhe provocado um deslumbramento nímio, pois “em todo o correr de sua vida, até os sessenta e dois anos completos, se ele reunisse todas as numerosas ajudas que recebeu de Deus e todas as numerosas coisas que aprendeu, não lhe pareceria ter recebido tanto quanto daquela única vez” (Autob. 30).

Naquele dia havia nascido um novo Inácio, de caridade discreta e de espiritualidade mais apurada. Contudo, uma nova etapa que considera a vida em seu conjunto. Dessa forma, o soldado novo de Cristo jamais poderá ignorar o

<sup>96</sup> Cf. Autob. 28-30 onde esse progresso espiritual pode ser identificado nas seguintes expressões: *seu entendimento começou a se elevar; se representou em seu entendimento; viu claramente com o entendimento; os olhos do seu entendimento começaram a se abrir; recebeu uma grande claridade no seu entendimento.*

<sup>97</sup> Cf. Autob. 26-27 que falam a respeito das mudanças feitas também em sua alimentação e no seu sono.

Iñigo que ardia em desejos de grandeza e honra, pois só assim poderá reconhecer no Cardoner a plenitude das suas experiências. De igual maneira, reconhecendo ser essa a experiência que ilumina toda a sua experiência anterior.

Essa “faxina espiritual” conduziu Inácio a uma maior integração e unidade; discernia cada vez melhor. Aquela visão de “uma coisa no ar” (Autob. 19)<sup>98</sup> que ocorria muitas vezes, causando-lhe grande prazer e muita consolação, tornou a acontecer no dia da experiência do Cardoner, só que dessa vez ele entendeu que não era algo vindo de Deus e sim do demônio<sup>99</sup>. Essa experiência que abre e fecha (cf. Autob. 19.31) o período que passou em Manresa e que se repetirá inúmeras vezes sem, contudo, receber a atenção e a importância que recebia nos primeiros meses de sua estadia na vila, pôde ser relida graças à “iluminação do alto”<sup>100</sup> que Inácio recebeu na experiência de Cardoner.

A estadia em Manresa, aquele lugar tão acolhedor e de experiências tão ricas, estava chegando ao fim. O Peregrino não podia parar e, dessa forma, foi para Barcelona a fim de embarcar para Jerusalém. E, embora tivesse com quem ir e com quem contar para lhe auxiliar no que fosse preciso, preferiu ir sozinho, “pois desejava ter três virtudes: a caridade, a fé e a esperança” (Autob. 35). Confiança, afeição e esperança, queria tê-las só em Deus<sup>101</sup>.

A sua determinação com relação a tal propósito não prosseguiu sem alguns tormentos por causa de alguns escrúpulos com relação a levar ou não alimentos para consumir durante a viagem. Viam-lhe pensamentos do tipo: “É esta a esperança e a fé que tu tinhas em Deus, de que ele não te faltaria?” (Autob. 36). Depois de ter analisado toda a situação com seu confessor, este julgou melhor que providenciasse sua provisão. Para Inácio, nenhuma decisão era considerada neutra.

Com seus biscoitos e sem nenhum centavo no bolso, depois de ter passado mais ou menos vinte dias em Barcelona, Inácio segue para a sua tão sonhada peregrinação a Jerusalém. Mais novas experiências estavam por vir.

<sup>98</sup> Cf. DHÔTEL, J-C. Nota 3. p. 42, onde aparece descrito a curiosa relação dessa visão com o desejo de vanglória que Inácio possuía.

<sup>99</sup> A nota 24, p. 51 do *Relato* diz o seguinte: “Importa pouco que o fenômeno ainda se venha repetir: com efeito, é próprio do homem projetar-se numa imagem ilusória. O importante é reconhecer que ela é ilusória”.

<sup>100</sup> Cf. LIBÂNIO, João Batista. *Discernimento espiritual...* São Paulo: Loyola, 1977. p. 126.

<sup>101</sup> Cf. SAN IGNACIO DE LOYOLA. Examen primero y general. In: SAN IGNACIO DE LOYOLA. *Obras completas*. Madrid: BAC, 1977. p. 457 [EG 67].

### 3.1.3. O Inácio Peregrino: a viagem a Jerusalém

Apesar de tantas pessoas o terem persuadido para que desistisse dessa viagem, pois não tinha dinheiro, o Peregrino seguia firme nos seus propósitos. Ele “não podia duvidar que encontraria um meio de ir a Jerusalém” (Autob. 40).

Tendo deixado Barcelona em março de 1523 e regressado em fevereiro de 1524, a viagem a Jerusalém, sem dúvida, foi um período de experiências muito marcantes para Inácio. A narrativa que encontramos no *Relato*, contudo, não se preocupa tanto em descrever os acontecimentos interiores. Como Dhôtel nos sugere, “é melhor, [...], ler estas páginas como ilustrativas de um aspecto fundamental da Companhia de Jesus, isso é, a itinerância e a mobilidade da vida apostólica: ‘percorrer o mundo’ à maneira de São Paulo, enfrentando todos os perigos”<sup>102</sup>. De fato, não é a toa que Inácio é também chamado de Peregrino, sempre aberto e confiante à novidade do Espírito. A ilustração, contudo, não apaga a expressividade das experiências de Inácio, trazendo um aspecto novo ao seu discernimento: o que fazer diante de um firme propósito impedido de ser realizado por diversos motivos? (cf. Autob. 50) Assim, o seu exercício de confiança em Deus haveria de se aperfeiçoar cada vez mais. Desde Veneza até Jerusalém, muitas situações iriam colocá-lo à prova.

Impressiona-nos a alegria e a determinação que o Peregrino levava consigo, mesmo em situações aparentemente humilhantes e desalentadoras. Conseguiu, assim, tirar grande proveito de tudo isso. Um verdadeiro exercício de discernimento que o levava a reconhecer, perguntar e decidir (cf. Autob. 40) nas diversas situações. Seus olhos se abriam cada vez mais.

Assim, ia reconhecendo as situações de tentação; e experimentando grandes consolações. Ter ou não ter dinheiro para ir a Jerusalém foi sua primeira experiência de peregrinação. Aconteceu que tendo recebido em torno de nove ducados para a viagem, depois de ter sido convencido de que seria impossível adquirir a passagem de outra forma, passados alguns dias “começou a *reconhecer* que tinha sido falta de confiança e lamentou muito ter aceito aqueles ducados, *perguntando* se não seria melhor deixá-los. Finalmente, *decidiu* gastá-los, prodigamente, dando-os àqueles que fossem encontrando, geralmente pobres”

---

<sup>102</sup> DHÔTEL, J-C. Nota 1. p. 55.

(Autob. 40)<sup>103</sup>. Dessa forma, apesar de conhecer muita gente influente não recorria a esses meios para ter algum tipo de privilégio. Mais uma vez, era possuído de uma grande confiança, visto que “Deus lhe daria o meio de ir a Jerusalém. E isto o confirmava tanto que nenhuma das razões ou receios que se apresentavam a ele podiam fazê-lo duvidar” (Autob. 42). Ele sabia não ser merecedor, mas a infinita bondade de Deus não o deixaria de socorrer<sup>104</sup>.

Aconteceu desse modo, outra experiência de peregrinação. Mesmo doente embarcou desde Veneza a Chipre e depois no navio dos peregrinos, “onde ele nada levava para a sua alimentação, além da esperança que punha em Deus, como já havia feito no outro navio” (Autob. 44). Destacamos também nessa viagem, além do exercício de confiança a Deus ao qual se submetia sem pena, as seguidas aparições de Nosso Senhor ao Peregrino, o que lhe trazia grande consolação e força, como ele bem expressa. Assomamos a essa experiência a grande alegria que sentiu ao avistar a terra na qual pisou Jesus Cristo, sentimento que foi comum a todos os peregrinos. Algo nunca antes sentido e que será o grande propósito da vida de Inácio: permanecer em Jerusalém, visitando continuamente os lugares santos e ser muito útil às almas<sup>105</sup>.

Para tal, levava consigo cartas de recomendação para que fossem apresentadas ao frade guardião. Este, por sua vez, depois de Inácio expressar melhor o seu desejo, não viu problema algum; mas era preciso que ele esperasse a chegada do frade provincial para confirmar a sua permanência. O peregrino Inácio podia ser traduzido por alegria, tanto que começara a escrever cartas a Barcelona falando da sua permanência em Jerusalém. Achou mesmo que o seu discernimento havia sido confirmado. Ele só não podia imaginar que o provincial não aprovaria sua permanência por diversos motivos. Seu firme propósito parecia

<sup>103</sup> Grifo nosso.

<sup>104</sup> Cf. PAGOLA, J. A.. *O caminho aberto por Jesus: Mateus*. pp. 240-245, onde o autor faz uma profunda reflexão da Parábola do “Senhor da Vinha” a respeito da bondade de Deus que, escandalosa, incompreensível e revolucionariamente, foge de todos os parâmetros humanos. Destacamos desta reflexão as seguintes frases do autor: “A parábola é tão revolucionária que certamente depois de vinte séculos não nos atrevemos ainda a tomá-la a sério. Será verdade que Deus é bom inclusive para aqueles que dificilmente podem apresentar-se diante dele com méritos e obras?” (p. 240); “Será verdade que, mais do que estar medindo os méritos das pessoas, Deus busca responder a nossas necessidades? Deus é assim. E o melhor é deixar Deus ser Deus, sem querer amesquinhá-lo com nossas ideias e esquemas” (p. 241); e no final da reflexão o autor diz assim: “Nunca esquecerei o impacto que me causou, há muitos anos, descobrir que não foi o rigor ou a radicalidade de Jesus que provocou irritação e rejeição, mas seu anúncio de um Deus ‘escandalosamente bom’” (p. 245).

<sup>105</sup> DHÔTEL, J-C. Nota 15. p. 60.

impelido a mudar, mas ele ainda não estava convencido de que esta não seria a vontade do Senhor, pois era algo muito forte o que sentia. Foi, então, que, por obediência, ele cedeu aos argumentos do provincial, nos quais acreditou. Essa não teria sido a primeira vez que Inácio, mesmo diante de um firme propósito, viu-se compelido a mudar de posição (cf. Autob. 26-27).

Ainda desorientado por causa do rumo que levou sua conversa com o Provincial, buscava alguma resposta positiva, ou seja, que confirmasse o seu muito firme propósito de permanecer nos lugares santos e ali consumir sua vida sendo muito útil às almas.

Toda essa situação, porém, não foi capaz de tirar-lhe a alegria. A sua última visita ao Monte das Oliveiras, depois de ter recebido a resposta negativa do Provincial, terminou com o Peregrino sendo carregado à força por um dos funcionários dos frades, pois ele tinha ido sem um guia. No caminho até o convento, “ele recebeu de nosso Senhor uma grande consolação: parecia-lhe ver o Cristo continuamente sobre ele” (Autob. 48). Jerusalém, de fato, foi um lugar de grandes consolações para Inácio.

O discernimento de Inácio o levou a compreender ulteriormente que, de fato, não era da vontade de Deus que permanecesse em Jerusalém. Foi daí, que “começou a perguntar-se: *O que devo fazer?* Finalmente, ele se inclinou a voltar a Barcelona. E por isso deixou Veneza para ir a Gênova” (Autob. 50).

Alguns percalços aconteceram no caminho até Gênova, mas nada que o Peregrino não pudesse suportar ou que fosse capaz de tirar a sua alegria e o seu contentamento. Sempre em clima de discernimento, buscava em tudo agradar a Deus (cf. Autob. 52). Além do mais, continuamente encontrava alguém que pudesse ajudá-lo. Tendo finalmente chegado a Gênova, não demorou até embarcar num navio para Barcelona.

#### **3.1.4. Barcelona e Alcalá: o que devo fazer?**

A resposta negativa do frade provincial não paralisou o Peregrino. Um novo caminho deveria ser percorrido depois de ter compreendido que não era da vontade de Deus que permanecesse em Jerusalém. Mas seguia sempre com o seu desejo de ser muito útil às almas (cf. Autob. 54). Seu retorno a Barcelona inaugura mais uma fase na vida de Inácio. Outros projetos, novos desafios e mais

experiências de discernimento. Foi então que naquela cidade “começou a estudar com grande diligência” (Autob. 54).

Os estudos lhe trouxeram outros sentimentos e novas percepções. Certo dia, tendo que decorar a gramática, não conseguia, pois “vinham-lhe novas inteligências de coisas espirituais e novos gostos. [...]. Não conseguia repeli-los, embora lutasse muito contra eles” (Autob. 54). Assim sendo, ele, depois de ter refletido muito sobre isto, “dizia a si mesmo: ‘Não é quando me ponho a rezar ou vou à Missa que me vem essas inteligências tão vivas’. Assim chegou, *pouco a pouco a reconhecer* que se tratava de uma tentação” (Autob. 55)<sup>106</sup>. A conversa franca que teve com seu professor de Artes com relação a essas tentações, seguida de uma promessa feita com grande firmeza de que seria fiel aos estudos durante os dois anos propostos, foi-lhe um meio muito eficaz para que essas desaparecessem. Tanto que podia se dizer com muita verdade que ele havia progredido consideravelmente durante esse tempo.

Sua estadia em Barcelona para empreender estudos estava chegando ao fim e, seguindo o conselho do seu professor e de um doutor em teologia de que tinha condições de seguir o estudo superior das Artes<sup>107</sup>, partiu para Alcalá. Permaneceu mais ou menos um ano e meio nesse lugar, onde pôde estudar os *Termos Lógicos* de Soto, a *Física* de Alberto e o *Mestre das Sentenças* na Universidade de Alcalá de Henares<sup>108</sup>.

O comprometimento com os estudos de filosofia e teologia não lhe desviou do seu propósito de ser muito útil às almas. Estando em Alcalá, “ele se acostumou a dar exercícios espirituais<sup>109</sup> e a explicar o catecismo. Por esse meio ele fazia fruto para a glória de Deus” (Autob. 57). Contudo, muitas pessoas não entendiam muito bem o comportamento do Peregrino (e de seus companheiros) e, por isto, nesta época, começam a inventar muitas coisas a respeito dele. A repercussão foi tamanha que chegaram os inquisidores vindos de Toledo a fim de investigarem estes rumores. Dessa forma, ele fora advertido pelo impressor oficial da Universidade de Alcalá, aquele que o hospedara. Diziam-se coisas do tipo:

---

<sup>106</sup> Grifo nosso.

<sup>107</sup> Cf. DHÔTEL, J-C. Nota 4. p. 68, que explica o que seria o estudo das “Artes” e o estudo da “gramática”.

<sup>108</sup> Cf. Ibid., nota 9. p. 69.

<sup>109</sup> Aqui, o termo exercícios espirituais não quer dizer o conteúdo do livro dos *Exercícios*, mas uma forma de catequese que dispõe o cristão a viver melhor a sua fé.

“vestidos de saia’ e [...] ‘iluminados’, e que se ia fazer uma carnificina com eles” (Autob. 58)<sup>110</sup>.

Felizmente, o inquérito empreendido pelos inquisidores teve um desfecho favorável para Inácio e seus companheiros. Acabaram concluindo que suas vidas e sua doutrina não possuíam nenhum erro e que poderiam prosseguir como de costume, sem impedimento algum. A única ressalva foi quanto às suas roupas. Como eles não eram religiosos a recomendação era de que buscassem se adequar a outro modo de se vestir.

Apesar de Inácio ter se comprometido em cumprir o que se lhe tinha ordenado, não concordava com esses tais inquéritos. Afinal, para que servem, questionava ele. Seu discernimento parecia levá-lo a compreender que era perda de tempo impor tantas dificuldades, apesar de sempre cumprir coisas desse tipo com tranquilidade. Mais tarde, outras indagações também ocorreriam e, igualmente, o resultado seria favorável a Inácio<sup>111</sup>.

Em seguida, foi preso, ainda sem poder se livrar de outras tantas inquirições, e assim ficou por quarenta e dois dias. Tais coisas nunca foram motivo de desânimo para Inácio de Loyola. No período em que esteve trancafiado podiam-se ouvir de sua boca palavras do tipo: “Aquele por cujo amor entrei aqui, daqui me tirará, se ele quiser ser servido” (Autob. 60). Parecia entregue àquele mesmo mistério que acompanhou Jesus até a cruz, quer dizer, o mistério de uma entrega confiante, mesmo em momentos de escuridão. Posteriormente, isso seria transmitido aos companheiros<sup>112</sup>.

<sup>110</sup> A nota 13 das pp. 70-71 do *Relato* fala sucintamente a respeito do movimento religioso dos “Alumbrados”. Do seguinte comentário, destacamos: “Na ocasião, os inquisidores de Toledo foram alertados a respeito do grupo de Inácio e seus companheiros pelos rumores, como o próprio diz, mas também pelo modo de vestir uniforme e reuniões que faziam”. Para um entendimento mais aprofundado desse fenômeno, cf. MARIA SANZ DE DIEGO, Rafael. Alumbrados. In: GARCÍA DE CASTRO, José (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007. pp. 144-147.

<sup>111</sup> O primeiro inquérito ocorreu no dia 19 de novembro de 1525 e o segundo no dia 6 de março de 1527.

<sup>112</sup> Inácio parecia envolvido por um amor que sabia ser incondicional, o amor de Deus (cf. Autob. 19.31). É com razão que Pagola faz a seguinte afirmação: “Crer em um Deus Amigo incondicional pode ser a experiência mais libertadora e feliz que se pode imaginar, a força mais vigorosa para viver e morrer”. In: PAGOLA, J. A.. *O caminho aberto por Jesus*: Mateus. p. 244.

Contudo, diante de tantos empecilhos que lhe foram impostos<sup>113</sup>, o Peregrino titubeou um pouco com relação ao *o que ia fazer* para dar ajuda às almas. O mesmo questionamento que o levou a Barcelona foi o mesmo que o levou a Valladolid. Queria se encontrar com o arcebispo de Toledo, Fonseca, e colocar todas essas questões em suas mãos. Queria, no fundo, encontrar portas abertas para que pudesse dar continuidade ao seu apostolado. E assim aconteceu. Com o acolhimento desse arcebispo, que lhe oferecera apoio e recursos para que estudasse, Inácio partiu para Salamanca<sup>114</sup>.

### 3.1.5.

#### **Salamanca: lugar de portas abertas?**

Inácio não podia mais passar despercebido em lugar algum. Aquele desejo primitivo de não ser notado parecia impossível de ser realizado. No entanto, nunca resistiu contra isso. Em Salamanca, mais interrogatórios aconteceriam. Recém-chegado na cidade, os padres dominicanos manifestaram logo o desejo de falar-lhe. Parecia inevitável fugir de todas essas coisas; a Igreja vivia tempos de desconfiança. Como alguém que nunca se aprofundou nos estudos de teologia poderia falar das coisas de Deus como fazia Inácio?

Salamanca parecia ser um lugar de portas abertas, mas, na verdade, foi cenário de mais uma prisão para Inácio. E mesmo em meio a tantos julgamentos vãos e estranhezas o Peregrino não deixava seus exercícios espirituais de lado; quando tinha oportunidade falava como de costume das coisas de Deus. Nos interrogatórios a que era submetido, sempre fazia questão de esclarecer que havia estudado pouco; não ostentava saber mais que os outros. Os juízes que o sabatinaram não puderam encontrar nada que o pudesse reprovar, a não ser um ponto muito específico do texto dos Exercícios Espirituais sobre pecado venial e pecado mortal. Mas parece que o problema não era por causa de erros em seus ensinamentos, mas porque fazia todas essas coisas sem ter feito algum tipo de estudo mais aprofundado. Analogamente, é o mesmo que acontece na parábola do “Senhor da vinha” (cf. Mt 20, 1-16). Os operários da primeira hora se inquietaram

<sup>113</sup> A sentença desta vez não lhe fora totalmente favorável. Foi decidido que ele poderia sair livre, mas que deveria se vestir como os outros estudantes e que não ensinasse coisas da fé antes de completar pelo menos quatro anos de estudo de teologia. Seu apostolado não podia ser mais exercido livremente como antes.

<sup>114</sup> Outros companheiros já moravam em Salamanca. Cf. Autob. 64.

pelo fato dos da última terem recebido a mesma quantia no final do dia. O dono da vinha manda responder de modo muito consciente que não enganou ninguém, pois sabia que tinha honrado o preço da diária, foi justo com todos. Ele, enfim, percebeu a raiz do problema: “Ou estás com ciúme porque sou bom”? (Mt 20, 15b). De igual maneira, Inácio poderia questionar: “Vocês me invejam porque eu também sei ensinar mesmo não tendo estudado”? Ele, na verdade, tinha muito conhecimento (cf. Autob. 30); não tinha talvez a base teológica exigida pelos doutores.

Mas como já dissemos, nunca ostentava saber mais que os outros. Sofreria todas as prisões necessárias se fosse por amor de Deus. Nesses acontecimentos, Inácio nunca quis um advogado ou um procurador. Além disso, o *Relato* descreve que uma noite houve a chance de seus companheiros escaparem da prisão. Todos os presos fugiram menos eles. Do testemunho de Inácio, seus companheiros puderam, dessa forma, ser motivo de edificação para toda aquela cidade.

Passados alguns dias, a sentença, finalmente, foi dada. Não puderam encontrar nenhuma reprovação em Inácio e em seus companheiros, podiam falar das coisas de Deus como antes. A única ressalva foi aquele ponto sobre pecado venial e pecado mortal, quanto a isso era preciso os quatro anos de estudos para que pudessem ensinar. Ele, mais uma vez, cumpriria aquilo que tinha sido ordenado, “mas [...] não [...] aceitava, pois, sem o condenar em nada, lhe fechavam a boca para ajudar o próximo, na medida em que ele pudesse” (Autob. 70).

Encerrado esse momento, Inácio logo “começou a se recomendar a Deus e a se perguntar *o que deveria fazer*” (Autob. 70). O seu discernimento o levou a compreender que não seria bom permanecer em Salamanca, “pois lhe parecia fechada a porta para ser útil às almas, por causa da proibição de definir o que fosse pecado mortal e pecado venial” (Autob. 70). Não importava o lugar ou as condições esse desejo o seguia sempre.

Neste quadro, a experiência vivida em Salamanca tinha tudo para ser um período de grande frustração, contudo, todas essas provas e dificuldades foram importantes para discernir aquela hesitação que o acompanhava desde sua conversão em Loyola, entre uma vida religiosa reclusa e uma vida pelo mundo,

em missão (cf. Autob. 12.71)<sup>115</sup>. O desejo de ajudar às almas agora vinha acompanhado do projeto de “primeiro estudar, reunir alguns homens com o mesmo desígnio e guardar os que tinha” (Autob. 71). Inácio tinha decidido, assim, ir a Paris<sup>116</sup>, sozinho e a pé.

### **3.1.6. Paris, tempo de estudos com mais seriedade**

A vida em Paris começou já com algumas dificuldades. O Peregrino parecia ter pressentido que era preciso que ele fosse sozinho, sem os companheiros, para verificar se encontraria meios de subsistência, a fim de que pudessem se dedicar aos estudos com seriedade.

Depois de alguns meses em Paris, o estudante de humanidades não tinha mais recursos<sup>117</sup> para ficar na pensão com outros espanhóis; dessa maneira, foi obrigado a se recolher no Hospital Saint-Jacques, que ficava muito distante do colégio onde ele começara a estudar, o colégio Montaigu, de extrema severidade, mas com boa reputação pedagógica; teve também que começar a mendigar para subsistir. Assim, ele não pôde se dedicar aos estudos com o rigor que gostaria.

Passado algum tempo, analisando os sentimentos que experimentava, sentiu que aquela situação deveria se reorientar. Foi, então, que começou a procurar outros meios para sua subsistência e estudos. Essa procura não foi tarefa fácil. Depois de muito buscar, um monge espanhol lhe sugeriu que passasse uma temporada em Flandres para que pudesse obter tais recursos, algo do tipo que ele pudesse estudar durante todo o ano. Como de costume, o Peregrino recomendou tudo isso a Deus e tal proposta lhe pareceu boa. O conselho do monge foi colocado em prática, com êxito.

Em Paris, o Peregrino também sofreu acusações, sobretudo entre os espanhóis. Como não pudesse deixar de falar das coisas de Deus, atraía para perto de si várias pessoas que mais tarde sentiriam o desejo de consagrar suas vidas ao serviço do Reino. Era acusado de desencaminhar estudantes. Contudo, se por um lado sofria essas acusações, por outro, muitas pessoas gostavam de ficar perto dele

---

<sup>115</sup> Cf. DHÔTEL, J-C. Nota 16. p. 33.

<sup>116</sup> Cf. Ibid., nota 13. p. 80.

<sup>117</sup> Ele havia sido trapaceado por um colega que guardava o seu dinheiro, este gastou tudo que Inácio possuía para que pudesse sobreviver por mais ou menos vinte e cinco meses naquela pensão.

e de pedir sua ajuda. Estava sempre pronto para ajudar às almas, passando, inclusive, por cima dos seus próprios medos (cf. Autob. 79).

Com essas acusações, Inácio, mais uma vez, atraiu a Inquisição. Como sempre, não fugiu de nada e antes que o convocassem se apresentou ao inquisidor. É que ele estava firme no propósito de seguir bem nos estudos, não queria que nada o atrapalhasse, “gostaria que tudo fosse resolvido antes” (Autob. 81).

Certamente, nessa época, Inácio já havia adquirido alguma experiência que o ajudava perceber quando uma situação deveria mudar de direção. Assim, quando iniciou o curso de Artes em Paris, trazia consigo um novo propósito: “conservar os que se tinham decidido servir o Senhor, mas de não continuar a procurar outros, a fim de poder estudar mais comodamente” (Autob. 82). O discernimento do Peregrino acontece na vida concreta de cada dia, ou seja, não se cria uma situação extraordinária para isso. Desse modo, nenhuma das etapas de sua caminhada é descartada, inclusive aquilo que poderia ser considerado excesso ou erro de percurso. O diferencial é não passar pela vida com o olhar distraído, deixando de recolher o verdadeiro sentido das coisas. Assim, de acontecimento em acontecimento, ele aprendia a ler a vontade de Deus.

À vista disso, estudar parecia ser uma de suas causas mais urgentes naquele momento. Consequentemente, fazer cair as não poucas barreiras que o impediam de realizar tal tarefa também. Ele tinha desenvolvido uma sensibilidade para entender o que lhe atrapalhava e o que precisava ser descartado e/ou modificado.

Ele percebeu que aquelas tentações que lhe sobrevieram na época de Barcelona quando estudava gramática começaram a acontecer também em Paris. Ou seja, “sempre que assistia às aulas não podia estar atento, em razão das numerosas coisas espirituais que lhe ocorriam ao espírito” (Autob. 82). Mas o Peregrino havia adquirido alguma experiência com relação a isso. Dessa maneira, percebendo que assim progredia pouco nos estudos, “foi procurar o professor e lhe fez a promessa de jamais faltar às aulas, desde que pudesse encontrar pão e água para sua subsistência. Feita essa promessa, todas as devoções que lhe ocorriam importunamente o abandonaram, e ele avançou tranquilamente nos estudos” (Autob. 82). Ele havia compreendido que fazer o contrário do que lhe sugeria uma tentação era um bom caminho para combatê-la. O mesmo ocorreu depois de ter ido visitar um enfermo com suspeita de peste. Tendo-o consolado colocando a mão em sua chaga, a sua imaginação começou a perturbá-lo muito.

Imaginava ter contraído a peste de tal maneira que sua mão o incomodava. Foi então que colocou a mão na boca e falou a si mesmo: “Se tens peste na mão, terás também na boca!” Quando fez isto, a imaginação o deixou e também a dor na mão” (Autob. 83). O estudante pobre de Paris passaria ainda por muitas outras experiências de discernimento. Para ele, nenhuma decisão era considerada neutra.

Depois de ter concluído o curso de Artes, de ter estudado alguns anos de teologia e de ter ganhado alguns companheiros, Inácio deveria seguir para a Espanha. Sua ida para lá foi aconselhada pelos companheiros<sup>118</sup> e pelo médico que o havia examinado por conta das suas fortes dores de estômago.

Nessa época, Inácio e seus companheiros haviam tomado algumas decisões para que pudessem ser muito úteis às almas. O propósito de ir a Jerusalém e de lá permanecer havia voltado. Contudo, se não lhes fosse permitido se apresentariam ao Papa “para que ele os empregasse onde fosse da maior glória de Deus e maior utilidade das almas” (Autob. 85).

Assim, o Peregrino partiu de Paris rumo a Espanha depois de ter resolvido algumas pendências com a Inquisição. Encontraria mais tarde com seus companheiros em Veneza<sup>119</sup> para que pudessem colocar em prática os seus propósitos.

### **3.1.7. Em ares pátrios: Espanha**

Em sua terra natal, o Peregrino logo começou a falar das coisas de Deus e a dar catecismo às crianças. Em qualquer lugar que estivesse queria ser muito útil às almas, tudo para a maior glória de Deus. Sabia que de um modo ou de outro a semente lançada daria algum fruto. Colaborou também em algumas reformas na cidade: religiosa, moral, política e social.

Além disso, tratou dos negócios que seus companheiros lhe haviam recomendado. Dessa forma, passou por Pamplona, Almazán, Sigüenza e Toledo. Por fim, foi a Valência; em seguida partiu para a Itália onde, mais tarde, em 1537, encontraria seus companheiros em Veneza. O Peregrino sofreu grandes provações em alto mar e também na estrada, de Gênova a Bolonha. O *Relato* diz que “essa

<sup>118</sup> A nota 25 da p. 88 do *Relato* fala que nesse período a expressão “companheiros”, original “li compagni”, quer designar o grupo fundador da Companhia de Jesus. A expressão “será usada mais 17 vezes na sequência do ‘Relato’, exclusivamente reservada para designar este grupo”.

<sup>119</sup> De Veneza saíam as embarcações para o Oriente.

foi a maior fadiga e a maior pena física que passou” (Autob. 91). Em Bolonha ele tinha a intenção de ficar um tempo para dar continuidade aos seus estudos de teologia, mas seguiu para Veneza em dezembro de 1535.

### 3.1.8. Veneza e Vicença

Em Veneza, atraiu muitas pessoas para perto de si e como de costume falava-lhes das coisas de Deus. Além disso, se empenhou na aplicação dos *Exercícios* e nos estudos. Notadamente, essas eram as maiores ocupações do Peregrino. Ao mesmo tempo, contudo, parecia fazer parte da sua vida as perseguições. Em terras italianas, Inácio foi vítima de mais acusações, mas, no fim, com sentença dada em seu favor.

Veneza foi o ponto de encontro de Inácio com seus companheiros, vindos de Paris. Depois de algum tempo servindo nos hospitais desta cidade, deveriam partir para Roma a fim de receberem a benção para ir à Jerusalém. Os companheiros receberam do Papa dois documentos importantes: “o primeiro lhes permitia ir a Jerusalém e ‘aí permanecerem e de lá regressarem, quando lhes aprouvesse’; o segundo permitindo, aos que ainda não eram padres, que fossem ordenados por qualquer bispo”<sup>120</sup>. Assim, de volta a Veneza, foram ordenados em 24 de junho de 1537: Inácio, Bobadilha, Codure, Francisco Xavier e Rodriguez, menos Salmeron que ainda não havia completado a idade permitida.

Infelizmente, o firme propósito de ir a Jerusalém esbarrou com as complicações políticas da época. Dessa forma, os companheiros se distribuíram pela província vêneta até que houvesse embarcações seguindo para o Oriente. Eles tinham fixado um ano, depois disso, se não houvesse tal disponibilidade, se apresentariam ao Papa. Ao Peregrino coube ir a Vicença, com Fabro e Lainez<sup>121</sup>.

Uma vez em Vicença, Inácio e seus companheiros<sup>122</sup>, depois de muita oração e jejum, começaram a pregar. Muitas eram as pessoas que se sentiam tocadas com suas pregações. Eles eram um vivo exemplo de vida entregue pela causa do Reino de Deus. Não queriam outra coisa que não fosse serem muito útil às almas, para darem maior glória a Deus.

<sup>120</sup> DHÔTEL, J-C. Nota 8. p. 96.

<sup>121</sup> É relevante registrar que os grupos de companheiros eram heterogêneos. Ou seja, eles levavam em conta a mistura de nacionalidades, culturas etc. Cf. Autob. 93.

<sup>122</sup> Quarenta dias depois Mestre Codure se juntou ao grupo de Vicença.

Vicenza parecia ser um período de refrigério para o Peregrino, ao contrário de Paris. Nesse tempo, ele teve muitas visões espirituais e muitas consolações, assemelhando-se à época de Manresa. A vitalidade de Inácio era contagiante apesar de sua saúde fragilizada. Sempre se preocupava em proporcionar um pouco de alívio aos mais necessitados.

Mais tarde, todo o grupo dos companheiros se estabeleceu em Vicenza e muitos fatos importantes aconteceram por lá, dentre eles, a primeira missa celebrada por Francisco Xavier, Lainez e Bobadilha. Em seguida, deixariam a província vêneta e partiriam para Roma, pois o ano que haviam estabelecido estava prestes a escoar. Assim, a Companhia de Jesus<sup>123</sup> partiu dividida em grupos. No percurso, Inácio

foi especialmente visitado por Deus. Ele se tinha decidido, depois de ter sido ordenado padre, a permanecer um ano sem celebrar a Missa, enquanto se preparava, pedindo à Nossa Senhora para pô-lo com seu Filho. Um dia, a alguns quilômetros de Roma, enquanto estava numa igreja em oração, sentiu uma tal mudança em sua alma e viu tão claramente que Deus, o Pai, o colocava com o Cristo, seu Filho, e que ele não teria a audácia de duvidar disto: de que Deus, o Pai, o punha com seu Filho (Autob. 96)<sup>124</sup>.

O jovem cavaleiro que nutria uma ânsia por honra e glória se entregava cada dia mais à vontade a Deus e assim ia progredindo na compreensão do jogo dos sentimentos. Ele não precedia o Espírito, peregrinavam juntos, como companheiros. Dessa forma, de Inácio eram próprios um olhar atento e volição disponível, características típicas de uma pessoa que busca discernir. Para ele, nenhuma decisão era considerada neutra. A atenção às moções lhe proporcionava muita clareza a respeito da vontade de Deus, ao ponto de não poder duvidar.

Sempre atento aos acontecimentos e aos sentimentos que experimentava Inácio compreendeu que Roma também seria lugar de muitas contradições e provações, era preciso que todos ficassem muito atentos.

### **3.1.9. Enfim, Roma**

Como de costume, em Roma Inácio também se empenhava no auxílio às almas; dava os Exercícios e conversava muitas coisas sobre Deus. Além disso,

<sup>123</sup> Nessa época, o grupo começou a se autodenominar “Companhia de Jesus”.

<sup>124</sup> Este acontecimento é conhecido como “a visão de La Storta”. Cf. DHÔTEL, J-C. Nota 14. p. 99.

conquistou mais alguns companheiros, dentre eles, Francisco Estrada. E também, Ele e os peregrinos contribuía munitíssimo com diversas obras pias (cf. *Autob.* 98). As perseguições logo se desencadearam como ele havia previsto. Tais perseguições eram sem fundamento e a sentença não poderia ser outra que não lhe fosse favorável. Inácio sempre fazia questão de que todas essas coisas ficassem esclarecidas e de que a sentença fosse dada formalmente. Tudo para que se fizesse calar tantos rumores que só atrapalhavam a obra de Deus.

No final do *Relato*, encontramos algumas indicações para a compreensão desse modo tão particular de Inácio de discernir as coisas. Questionado pelo padre Gonçalves da Câmara sobre o modo como havia feito as *Constituições* e o livro dos *Exercícios*, Inácio diz sobre este último que a dinâmica funcionava da seguinte maneira:

que ele não os fizera de uma só vez, mas que, quando *observava* certas coisas em sua alma e as achava úteis, parecia-lhe que poderiam ser úteis aos outros. Assim, ele as punha por escrito, como, por exemplo, examinar a consciência etc. Sobre as *eleições*, particularmente, ele me disse que as havia tirado da *diversidade de espíritos e dos pensamentos* que tinha conhecido quando estava em Loyola, enquanto sua perna ainda estava enferma (*Autob.* 99)<sup>125</sup>.

A facilidade do Peregrino de encontrar a Deus em todas as coisas crescia cada vez mais. E com essa experiência partilhada no *Relato* podemos observar que, desde sua conversão, não buscou outra coisa que não fosse fazer a vontade de Deus, apesar de tê-lo ofendido muitas vezes, como ele diz (cf. *Autob.* 99). Uma pessoa como Inácio de Loyola nos traz ricos ensinamentos com relação às decisões, estas não devem ser consideradas assunto neutro. E para que sejamos capazes de eleger o melhor, cabe-nos observar, duvidar, analisar, sentir e, por fim, decidir, sempre na dinâmica do Espírito Santo que confirma o que de fato é a vontade de Deus.

Inácio sempre se recomendava a Deus, rezava, ouvia, antes de tomar qualquer decisão. Assim, ele e seus companheiros seguiam sempre com o intuito de serem muito útil às almas, para a maior glória de Deus.

---

<sup>125</sup> Cf. EE 30.169-189. Grifo nosso.

## 3.2. Uma experiência transmitida: os *Exercícios Espirituais*

A experiência que acabamos de relatar foi a de uma pessoa que teve a vida transformada desde que “conheceu” a Deus. Alguns companheiros e o próprio Inácio sentiram e reconheceram que tal experiência precisava ser transmitida, pelo grande bem que isso ocasionaria em um primeiro momento à Companhia de Jesus e mais tarde a milhares de pessoas.

O *Relato* narra a experiência de Inácio e descreve sua ambiência. De outra maneira, outros escritos também a contam como, por exemplo, os *Exercícios Espirituais*.

Ao contar a experiência de Inácio de Loyola vimos que um dos seus maiores objetivos era dedicar a vida em ser muito útil às almas. Isso ele fazia de diversos modos, seja na catequese seja com seu próprio testemunho. Fazia-o também através dos Exercícios Espirituais. Estes constituem o que o Peregrino considerava que pudesse ser muito útil também às outras pessoas (cf. *Autob.* 99).

Com uma pedagogia original, a estrutura dos *Exercícios Espirituais*, em suas quatro semanas, orienta o exercitante para uma das coisas mais pujantes para Inácio: a busca e o encontro da vontade de Deus, quer dizer, para uma eleição, a qual o discernimento está em função. O discernimento, portanto, é a chave de leitura dos Exercícios Espirituais, que, por sua vez, lhe fornecem o contexto e a sistematização. Nosso próximo passo será tratar o tema a partir dessa obra prima de Inácio de Loyola.

### 3.2.1. O termo *Exercícios Espirituais* (EE)

Logo na primeira anotação do livro dos *Exercícios*, Inácio explica o sentido do termo:

Por *Exercícios* espirituais se entende qualquer modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e outras operações espirituais, [...]. Assim como passear, caminhar e correr são *Exercícios* corporais, chamam-se Exercícios espirituais diversos modos da pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas. E, depois de tirá-las, buscar e encontrar a vontade divina na disposição de sua vida para sua salvação (EE 1).

Inácio apresenta um conceito prático e razoável, possivelmente presente em outras linhas de espiritualidade. O que, na verdade, caracteriza o modo inaciano são três elementos:

a *orientação* dos Exercícios Espirituais: tirar de si todas as afeições desordenadas e procurar e encontrar a vontade divina; a *dinâmica*: estes exercícios são organizados em semanas com uma série de regras e normas para fazê-los; o *conteúdo* dos exercícios: Inácio precisa o que se deve fazer nos exercícios espirituais<sup>126</sup>.

Em outras palavras, para serem considerados Exercícios Espirituais inacianos é preciso se situar nessa tessitura, ou seja, *orientação*, *dinâmica* e *conteúdo* indicados por ele.

### 3.2.2.

#### **A finalidade última dos EE: “buscar e encontrar a vontade divina”**

Como foi dito, a orientação dos *Exercícios* em todo o seu conjunto é a busca e o encontro da vontade de Deus, no ordenamento de todas as afeições. Dessa maneira, o discernimento inaciano lança o olhar para uma perspectiva salvífica; do contrário, não teria sentido algum todo o esforço de Inácio em sistematizar sua experiência já que cada qual poderia seguir por si mesmo o que lhe parecesse bem. Por isso, o discernimento deve nos conduzir a uma liberdade em Deus, para Deus e com Deus. Assim, “buscar a vontade de Deus é colocar-se num plano, onde a inteligência procura a fé e a fé procura a inteligência. Buscar a vontade de Deus é desejar compreender em certa medida a verdade de Deus, que nosso coração crê e ama”<sup>127</sup>.

Em termos práticos, como identificar a vontade de Deus? Libânio chama atenção para uma distinção muito sutil entre movimento de Deus e vontade de Deus. Ora, “se toda inclinação para fazer o bem encontra em Deus sua origem, então, segue-se que tal inclinação é vontade de Deus para mim? Não”<sup>128</sup>, pois nem todo bom desejo deve ser seguido ou interpretado como vontade de Deus.

A partir disso podemos avançar na compreensão da importância do discernimento, pois “um movimento de Deus, um impulso vindo de Deus revela-

<sup>126</sup> LIBÂNIO, J. B. *Discernimento espiritual*. p. 128.

<sup>127</sup> *Ibid.*, p. 129. Cf. ainda DAGNINO, A. Conformidade com a vontade de Deus. In: BORRIELLO, L.; CARUANA, E.; DEL GENIO, M. R.; e SUFFI, N. (Dirs.). *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus e Loyola, 2003. pp. 251-253.

<sup>128</sup> LIBÂNIO, J. B., *op. cit.*, p. 129.

se-me vontade de Deus somente no fim de um processo de discernimento”<sup>129</sup>. Se tudo se mostrasse claro, sem invólucro, não haveria razão em discernir.

O processo de discernimento encontra, assim, seu começo nos movimentos interiores e seu fim na vontade de Deus (ou não) para a pessoa. Ainda segundo Libânio, “o ‘indiscreto’ é precisamente aquele que se deixa levar por qualquer impulso inicial, mesmo que seja bom, e que, contudo, numa visão de globalidade acaba tornando-se algo negativo”<sup>130</sup>. Em outras palavras, o discernimento não se restringe em escolher os possíveis da vida, mas *dentre* os possíveis da vida<sup>131</sup>. É a saída de uma dimensão global para uma dimensão pessoal e particular. Assim, “a descoberta da vontade de Deus, enquanto processo de busca de minha parte, supõe todo um trabalho espiritual que Inácio propõe nos Exercícios Espirituais”<sup>132</sup>. Dessa maneira, as quatro semanas do retiro inaciano estão sob o prisma do discernimento.

O discernimento espiritual nos direciona sempre para algo concreto e possível, profético e atual; ultrapassando a mera percepção de um bom desejo, de um bom sentimento. É preciso buscar perceber para onde o Senhor está movendo e atraindo no momento presente. Cada um é chamado a ocupar o espaço de liberdade que recebeu.

A peregrinação de Inácio à Jerusalém pode ilustrar o que dissemos acima, pois nesse caso o seu bom propósito não foi suficiente para que pudesse permanecer naquele lugar. Como sabemos Deus o conduziu para outros lugares; chamado que, mais tarde, pôde ser mais bem discernido.

Essa é apenas uma das muitas experiências de discernimento do Peregrino. Na verdade, o conjunto da sua vida foi um contínuo exercício de discernimento. E “com seus Exercícios Espirituais, Inácio tenta universalizar sua experiência de toda a vida de buscar a vontade de Deus em todas as coisas”<sup>133</sup>.

---

<sup>129</sup> Ibid., p. 129.

<sup>130</sup> Ibid., p. 129.

<sup>131</sup> Cf. CUSTÓDIO FILHO, S. *Exercícios na vida cotidiana* (EVC). p. 16.

<sup>132</sup> LIBÂNIO, J. B., op. cit., p. 129.

<sup>133</sup> Ibid., p. 130.

### 3.2.3.

#### Os termos: eleição, discrição e discernimento (dos espíritos) nos EE

Para compreender o processo inaciano dos Exercícios Espirituais julgamos necessário compreender também a proximidade entre esses termos e ao mesmo tempo as suas diferenças.

A *eleição* tem como coordenadas o amor e a discrição. O primeiro é a força vivificante que nos conduz para Deus e o segundo é o ser humano em sua individualidade na concretude e limitação da história. Dessa maneira, “eleição é buscar a vontade de Deus, impelido pelo amor, no realismo da nossa história e situação concretas. Eleição é escolher a maneira concreta de viver o amor cristão na Igreja, seja nas suas grandes linhas (eleição de vocação), seja nas pequenas decisões”<sup>134</sup>.

Pela *discrição* o amor se faz concreto na história. Ela nada mais é do que a dimensão de encarnação da eleição. Nos EE, por exemplo, ela se manifesta pelo uso das *Regras*<sup>135</sup>.

Por fim, o *discernimento dos espíritos* “é um dos meios como se faz a discrição do amor. Através do jogo de consolações e desolações, de ações do bom e do mau espírito, o exercitante procura discernir a vontade de Deus. Através deste meio, o amor se faz discreto, a eleição acontece”<sup>136</sup>.

Em suma<sup>137</sup>, a *eleição* é a escolha pelo amor do Pai, em Cristo, no Espírito (comunhão Trinitária), a *discrição* é a historização dessa escolha e o *discernimento* é o meio para escolher o melhor. Assim, a ideia da *eleição* é encarnar o amor cristão (*discrição*); tendo como meio para isso o *discernimento dos espíritos*, no método inaciano.

Apesar de o método inaciano preservar a distinção entre os três termos, *discernimento* e *discrição*, sem mais, tem o mesmo sentido. Na referência ao jogo das moções a expressão utilizada é *discernimento dos espíritos*. E *eleição* corresponde à experiência global.

<sup>134</sup> Ibid., p. 131.

<sup>135</sup> Regras de discernimento dos espíritos para bem eleger. Cf. EE 313-336.

<sup>136</sup> LIBÂNIO, J. B., op.cit., p. 132.

<sup>137</sup> Para um estudo detalhado da *eleição* e da *discrição inacianas* cf. SAMPAIO COSTA, Alfredo. Elección. In: GARCÍA DE CASTRO, José (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007. pp. 774-782 e IGLESIAS, I. Discreción. In: GARCÍA DE CASTRO, José (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2007. pp. 658-665.

### 3.2.4.

#### O retiro inaciano sob o prisma do discernimento

Como dissemos, a finalidade última do retiro inaciano é a percepção-escolha da vontade de Deus, que nada mais é do que fazer eleição. Para esse objetivo o discernimento é precípua. Logo, os EE avançam sob este aspecto e desenhavam progressivamente as atitudes fundamentais para a eleição e seu processo.

Desde o início dos Exercícios Espirituais Inácio intui “que para o exercitante estar em condições de perceber e escolher tal vontade de Deus necessita de um duplo movimento inicial: purificação e ‘aquecimento’, como um desportista que precisa curar toda fraqueza e aquecer seus músculos”<sup>138</sup>. A partir dessa ideia apontamos as três atitudes fundamentais para a eleição:

##### *Purificação*

O Título e Pressuposto dos *Exercícios* tem a seguinte descrição: “Exercícios Espirituais para vencer a si mesmo e ordenar a própria vida, sem se determinar por nenhuma afeição desordenada” (EE 21).

Com essas palavras Inácio nos esclarece que para buscar e encontrar a vontade de Deus o exercitante precisa desapegar-se de qualquer tipo de malevolência. Esse propósito aparece na primeira semana<sup>139</sup> do retiro como experiência de conversão<sup>140</sup>: sou pecador e salvo; o que devo fazer por Cristo? Em outras palavras, é uma experiência de sentir<sup>141</sup> e conhecer o próprio pecado (e a desordem que provoca) para ordenar as afeições e proporcionar a morte do

<sup>138</sup> LIBÂNIO, J. B. *Discernimento espiritual*. p. 132. Cf. EE 1.

<sup>139</sup> Cf. EE 4.24-90.

<sup>140</sup> Os EE não são para uma conversão a nível moral, pois envolvem a pessoa toda. Além disso, “a ‘conversão para Deus’ é obra exclusiva do Espírito Santo; a colaboração humana é apenas uma condição, um não-opor-obstáculos à ação livre de Deus e da pessoa”. KÖVECSSES, Géza. Nota 91. In: SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Escritos de Santo Inácio: Exercícios Espirituais*. Tradução R. Paiva. 3ªed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 43. Título original: Ejercicios Espirituales.

<sup>141</sup> Na linguagem inaciana o termo “sentir” não está relacionado a uma sensibilidade epidérmica, mas a uma experiência espiritual de graça; o que proporciona um tipo de conhecimento de natureza afetiva e intuitiva e não meramente intelectual e discursiva. Dessa maneira, “tal conhecimento se adquire por meio da reação dos sentimentos humanos frente à experiência exterior e interior”. In: LIBÂNIO, João Batista. *Discernimento espiritual: reflexões teológico-espirituais*. São Paulo: Loyola, 1977. p. 134. Na segunda Anotação dos EE Inácio diz que “não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente”. Kövecses faz o seguinte comentário a essa expressão inaciana: “‘sentir e saborear internamente’ é expressão dos místicos medievais. Quer exprimir o dom do Espírito Santo, a consolação interna, a graça da esperança teologal, que dá a satisfação, a firmeza e a confiança inabalável, provenientes da certeza da ação divina em nós. É a nossa segurança no amor de Deus e algo relacionado com a percepção interna da operação divina em nós, pelas virtudes teologais”. KÖVECSSES, Géza. Nota 13. In: SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Escritos de Santo Inácio: Exercícios Espirituais*. Tradução R. Paiva. 3ªed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 11. Título original: Ejercicios Espirituales.

“homem velho” (cf. Rm 6, 1-14). Estas aspirações profundas quando desordenadas viciam a raiz das decisões impedindo o ser humano de escolher com pureza e clareza a vontade de Deus. Na verdade, “muitas decisões são mal feitas porque não foram precedidas desta purificação”<sup>142</sup>, ou seja, não tiveram uma reta intenção (cf. EE 169).

Inácio ainda faz preceder à primeira semana dos *Exercícios* uma reflexão de natureza mais racional, o *Princípio e Fundamento* (cf. EE 23), também com o intuito de uma purificação dos pecados; e que tem como linha mestra a *indiferença* inaciana, ou seja, desejar e escolher somente aquilo que mais conduz ao fim para o qual somos criados: “Daí se segue que [...] [o ser humano] deve *usar das coisas tanto quanto* o ajudam para atingir o seu *fim*, e deve privar-se delas tanto quanto o impedem. Por isso, é necessário fazer-nos *indiferentes* a todas as coisas *criadas...*” (EE 23).

Há uma tênue originalidade no *Princípio e Fundamento* através de um elemento lógico que é trazido para ajudar na purificação radical de nossos pecados. Quer dizer, “primeiro o fim, depois os meios. E não o contrário: [normalmente] escolhem-se os meios e depois se pergunta como eles vão servir para o fim do serviço de Deus. Inácio toca na raiz de muitos apegos e más decisões”<sup>143</sup>. A indiferença inaciana propõe, dessa forma, um desapego que gera liberdade interior e proporciona a experiência da caducidade das coisas e da transcendência de Deus. Isto é, “a indiferença nos faz perceber que Deus não se identifica com nenhum caminho determinado. Deus é sempre maior que o nosso conhecimento a respeito dele. Não é a aplicação de um silogismo”<sup>144</sup>.

Na segunda semana dos *Exercícios* o tema da indiferença também aparece na meditação das três classes de homens (cf. EE 149-163). A dinâmica tem o propósito de ajudar o exercitante a identificar pontos que ainda precisam ser purificados: onde ainda não sou livre? Em outros termos, testa a nossa disponibilidade para com Deus. A *indiferença inaciana* é de tal modo decisivo que carecendo, em dado momento, se deve suspender a eleição. Essa semana vem assim delineada numa experiência de conformidade com a vida de Cristo através

<sup>142</sup> LIBÂNIO, J. B. *Discernimento espiritual*. p. 134.

<sup>143</sup> *Ibid.*, p.135. Cf. EE 333.

<sup>144</sup> *Ibid.*, p.135.

de meditações temáticas: “a vida de Cristo nosso Senhor até o dia de Ramos, inclusive” (EE 4).

O discernimento na primeira semana vem disposto na seguinte dinâmica: a autenticidade do senso de pecado; o sentir-se perdoado e salvo; a imagem de Deus; a aceitação de si, enquanto que na segunda semana o exercitante começa a ser colocado diante de uma resposta, em conformidade com a vida de Cristo.

Assim, os exercícios da primeira semana

se orientam a uma purificação da sensibilidade, [...] os exercícios da 2ª semana se encaminham a uma purificação da razão. A desordem vem da sensibilidade e da razão. Da sensibilidade que não obedece à razão. Da razão que não obedece à fé. A fé ordena a razão. A razão iluminada pela fé ordena a sensibilidade. Este trabalho é prévio à Eleição<sup>145</sup>.

### *Generosidade*

Nesse processo de desapego e ordenação dos afetos é também condição imprescindível à eleição atitude de generosidade. Daí que Inácio diz: “a quem recebe os *Exercícios*, muito aproveita entrar neles com grande ânimo e generosidade para com seu Criador e Senhor. Ofereça-lhe todo seu querer e liberdade [...]” (EE 5). Na verdade, essa exigência inicial aparece durante todo o retiro<sup>146</sup>. A generosidade inaciana é refletida, por exemplo, no *magis* que consiste em desejar e escolher “somente aquilo que *mais* nos conduz ao *fim* para o qual somos *criados*” (EE 23). O critério de escolha, dessa maneira, não se baseia em um “buscar qualquer coisa por si boa, mas aquilo que *mais* serve a Deus”<sup>147</sup>. Essa atitude espiritual proposta por Inácio é um modo de buscar sempre o melhor, para mais amar e seguir a Deus Nosso Senhor. É, portanto, nesse clima que o exercitante deve fazer sua eleição que é ao mesmo tempo cultivado durante todo o retiro. Diga-se de passagem, para Inácio, o *mais* é princípio de escolha para orientar qualquer decisão, da maior a menor, da mais simples a mais complexa.

<sup>145</sup> Ibid., p. 132-133.

<sup>146</sup> Cf. EE 23.91.97-98.152.167.234, por exemplo. Essa atitude é indispensável para o fruto do retiro. Dessa maneira, “exclui toda restrição na submissão a Deus e impele já ao dom total de si. Esse dom se completará menos pela ‘vontade’ do que pelo ‘querer’ e ‘liberdade’. Os diversos *Exercícios* terão por fim purificar e restaurar o centro pessoal do exercitante, para que ele atue livremente”. WERNER, Cláudio. Nota 19. In: SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Escritos de Santo Inácio: Exercícios Espirituais*. Tradução R. Paiva. 3ªed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 13. Título original: *Ejercicios Espirituales*.

<sup>147</sup> LIBÂNIO, J. B., op. cit., p. 136.

Inácio dá um passo adiante e no início dos *Exercícios* da segunda semana apresenta o conteúdo do *magis* (cf. EE 97)<sup>148</sup>. O princípio de escolha é confrontado com a pessoa de Jesus Cristo; o exercitante é colocado frente a frente com Ele. Segue-se a célebre consagração para “oblaciones de mayor estima y mayor momento”:

*Eterno Senhor de todas as coisas, eu me ofereço, com vossa graça e ajuda, diante de vossa infinita bondade, de vossa Mãe gloriosa e todos os santos e santas da corte celestial: Quero e desejo, e é a minha determinação deliberada, desde que seja para o vosso maior serviço e louvor, imitar-vos em passar todas as injúrias, todas as afrontas e toda pobreza – tanto material quanto espiritual – se vossa santíssima Majestade me quiser escolher e receber nesta vida e estado (EE 98).*

Esse desejo de entrega vai se concretizando na medida em que o exercitante avança na contemplação dos mistérios da vida de Cristo. Podemos compreender, assim, que a generosidade é uma atitude-caminho que leva em conta sempre a ação da graça de Deus. Querer e desejar o *mais* é dom de Deus; é Ele quem nos move, atrai, inspira e ajuda.

Também na Meditação das Duas Bandeiras (cf. EE 136-148) o apelo ao *mais* da generosidade aparece no tríplice colóquio, um feito a Nossa Senhora, outro a Jesus, seu Filho, e o terceiro a Deus Pai, todos com a mesma intenção: a graça de ser recebido sob a Bandeira de Cristo. Sucedem a meditação dos Três Tipos de Pessoas (mencionada acima) e dos Três Modos de Humildade (cf. EE 164-168) para que o exercitante se afeiçoe ainda mais a doutrina de Cristo. Desse modo, “o limite do ‘mais’ é a teologia paulina da cruz<sup>149</sup>. [...]. Esta identificação com Cristo no ‘mais’, [...] é a atitude pedida por Inácio como clima para a eleição”<sup>150</sup>. Os *Exercícios* demonstram, dessa forma, que todo o sentido do *magis* se concentra na pessoa de Jesus Cristo.

Tendo Cristo diante de si, querendo e desejando fazer sua vontade, o exercitante caminha no território da graça; quer dizer, quer e deseja a vontade de Deus porque todo o impulso dado pelo Espírito é em direção a isso. Cabe ao exercitante abertura à ação da graça e determinação deliberada. Desse modo, não

<sup>148</sup> “O ‘magis’ inaciano se fundamenta não num ardor inexperiente, mas sim na abertura à liberdade divina que não pode nem deve ser cerceada. Mas, por outro lado, ela respeita os limites e os condicionamentos da pessoa humana, que é espírito num corpo, que é indivíduo numa sociedade, que constrói sua identidade num processo histórico gradual”. MIRANDA, Mario de França. *A Alegria do Evangelho* em ótica inaciana. *Revista de Espiritualidade Inaciana*, ITAICI, n. 20, p. 19, 2014.

<sup>149</sup> Cf. Gl 2, 19; Gl 6, 14; 1Cor 18, 23.

<sup>150</sup> LIBÂNIO, J. B. *Discernimento espiritual*. p. 138.

há espaço no retiro para amor próprio, endeusamento e interesses puramente terrenos; em um termo, para egocentrismo. A generosidade inaciana não é teatral nem um mecanismo de compensações e satisfações pessoais; ela é dom, saída de si e um-olhar-para-o-outro; tem Cristo como fundamento e como critério. Isso vale também para a atitude de purificação. Os sinais de um sadio processo de purificação encontra-se na tranquilidade e equilíbrio com que é feito. Não se identifica em nada com masoquismo, auto-rejeição ou puritanismo.

Vem-nos a pergunta: é conciliável decisão e generosidade? Aquela não estaria mais no campo do definitivo enquanto esta estaria mais no campo do efêmero? Não é à toa que Teresa de Jesus nos ensina que “em tudo é preciso discernimento” (V 13, 1). Vejamos. Inácio estimula a busca de uma generosidade realista, ou seja, dentro das possibilidades da pessoa, o que envolve seu contexto. Esse tipo de generosidade é, a propósito, “uma dimensão de nossa vida. É uma generosidade que envolve todo o nosso ser, no mundo do querer e do sentir, de modo que não há uma cisão insuportável entre o que queremos e o que sentimos”<sup>151</sup>. Uma generosidade assim nunca sequestra a identidade da pessoa, nem a escraviza. Em outras palavras, a generosidade realista e sadia é “discreta”. Libânio faz uma importante observação a respeito disso ao expressar que

a generosidade sadia, na medida em que se vai concretizando através de decisões, gera uma profunda alegria e integração da personalidade. Portanto, a raiz autêntica ou neurótica não se manifesta facilmente no instante mesmo da eleição, e sim ao longo dos anos. Eis porque toda decisão humana inclui sempre uma margem de erro, de auto-ilusão. Esta pertence à nossa condição histórica de seres não autotransparentes<sup>152</sup>.

A generosidade em vista da conformidade com a vontade de Deus se preocupa em buscar sempre o melhor caminho para que a vida seja mais humana para si e para os outros. Contudo, também reconhece “que a criaturalidade e o limite, o pecado e o egoísmo, fazem com que a convivência humana sem incidentes, grandes ou pequenos, seja racionalmente inconcebível”<sup>153</sup>; por isso, realística e historicamente seria irracional presumir uma generosidade heroica.

### *Oração*

A purificação e a generosidade encontram seu sentido em um clima de oração. Dessa maneira, não são frutos de uma ideologia estoica. Os Exercícios

<sup>151</sup> Ibid., p. 139.

<sup>152</sup> Ibid., p. 140.

<sup>153</sup> DAGNINO, A. Conformidade com a vontade de Deus. p. 252.

Espirituais são esse ambiente propício. Deve-se buscar durante todo o retiro ânimo e disposição (cf. EE 1) para avançar nesse clima, sempre aberto à atuação da graça divina.

A oração nos *Exercícios* é ao mesmo tempo efeito e condição. Isto é, “sem oração os Exercícios Espirituais se esvaziam e se transformam numa técnica formal. É também efeito. Vai-se desenvolvendo, crescendo ao longo dos próprios Exercícios”<sup>154</sup>.

No fundo, a proposta de Inácio é também prevenir contra um possível sentimentalismo ou intelectualismo<sup>155</sup>; ele sempre terá muito cuidado em prevenir extremos.

O clima de oração proposto por Inácio está longe de ser algo fadigoso, pois respeita o ritmo próprio de cada pessoa<sup>156</sup>. Também não se contenta com mediocridades. É uma mescla de critérios subjetivos e objetivos. Por exemplo, “a fidelidade *livre e consciente* ao tempo de 60 minutos produz ao longo dos Exercícios uma purificação de nossa sensibilidade”<sup>157</sup>. No entanto, a oração não é uma prática vivida em pura espontaneidade. A colaboração humana e a disposição da alma à graça de Deus caminham juntas nessa prática oracional. Desse modo,

o papel da pessoa na comunicação com Deus consiste numa cooperação dispositiva, num ‘não pôr obstáculos’ à atuação da graça. Da parte da pessoa, porém, esta cooperação significa muito. Exige trabalho dedicado, abnegação, sacrifícios, disciplina contínua, penitências... Em tudo deixando-se motivar e mover pelos afetos interiores de consolação espiritual...<sup>158</sup>.

Enfim, é nesse espírito que a eleição deve ser feita. Isto é, considerando atitudes de desapego, disposição e gratuidade, que se oxigenam mutua e concomitantemente. Iluminado pelo Espírito Santo, o exercitante caminha no nível da fé, ultrapassando a mensurabilidade opaca de todas as coisas.

<sup>154</sup> LIBÂNIO, J. B. *Discernimento espiritual*. p. 140.

<sup>155</sup> Contra o sentimentalismo, Inácio propõe a fidelidade ao tempo da oração; seguir o ritmo dos Exercícios independentemente de qualquer sentimento. Deve-se rezar tanto na desolação quanto na consolação. Dessa maneira, uma oração-dom, que ultrapassa qualquer tipo de sentimento momentâneo. E contra o intelectualismo, não se deve medir o “sucesso” da oração pelo brilhantismo de nossas ideias, mas pela nossa disposição e empenho, pela oferta de nosso dom: fui presente na oração? Ofertei meu tempo da melhor maneira possível a Deus? Estive inteiro?

<sup>156</sup> Cf. EE 4.14; e ainda Constituições 65. SAN IGNACIO DE LOYOLA. Examen primero y general. In: SAN IGNACIO DE LOYOLA. *Obras completas*. Madrid: BAC, 1977. p. 457 [EG 67].

<sup>157</sup> LIBÂNIO, J. B. *Discernimento espiritual*. p. 141. Grifo nosso.

<sup>158</sup> KÖVECSSES, G. Nota 5. p. 10.

Supondo-as, o processo da eleição se dará em clima de discernimento. Fica claro, portanto, que o clima da eleição envolve a ordenação de todas as afeições desordenadas e a generosidade quanto ao assumir o projeto de Jesus Cristo e segui-Lo, em viver segundo seu Espírito, numa atitude oracional gratuita. De outro modo, purificação, generosidade e oração<sup>159</sup> dispõem a pessoa para escolher a vontade de Deus concretamente, a decidir-se pelo caminho que mais a conduz ao fim para o qual é criada. Dessa maneira, a ajuda a não subordinar o fim aos meios, mas os meios ao fim no que diz respeito ao serviço de Deus.

O processo da eleição está disposto em quatro semanas com uma pedagogia ímpar. Inácio de Loyola desenvolve os Exercícios Espirituais de maneira que a pessoa que os fizer tire o maior proveito possível. A escolha e a organização dos temas esclarecem o exercitante e o dispõem a fazer sadia e boa eleição. Situa-o na história da salvação, gerando-lhe consciência, e o provoca para uma reposta-escolha concreta ao chamado de Deus. Inácio segue a intuição paulina a respeito da ação de Cristo no mundo e sua excelência, e a contrapõe à ação do mal com suas artimanhas.

Esse processo é articulado a partir dos seguintes objetivos básicos:

buscar e achar a vontade divina para o próprio projeto de vida; superar a resistência de impulsos desordenados contrários à realização desse projeto, quer sejam conscientes ou não; saúde da alma, marcada por uma decidida conversão; em tudo amando e servindo a Deus nos outros, numa dimensão individual e grupal<sup>160</sup>.

O exercitante através da contemplação profunda e detalhada dos mistérios da vida de Cristo começa a compreender melhor e a tomar consciência da sua missão no mundo, do seu envolvimento com o projeto salvífico e também, que a sua vida é uma constante superação das ilusões e de tudo aquilo que venha a atrapalhar a concretização da vontade de Deus. O confronto com a pessoa de Jesus Cristo situa-nos na História: que lugar de liberdade devo ocupar? Qual minha missão neste mundo? O que me impede de cumpri-la? Estou disposto a dar o melhor de mim?

<sup>159</sup> Essas atitudes propostas por Inácio devem ser cultivadas ao longo de toda a vida, não caem prontas do céu, mesmo durante e depois da eleição. É um exercitar-se cotidiano que consiste em “educar o nosso juízo num horizonte de fé. [...] Supõe-se continuamente uma atenção à Palavra de Deus que acontece a cada momento na história para nós e um contínuo olhar para o real, para a história, para os homens. Pela Palavra de Deus somos assimilados a Jesus. Pela fidelidade ao real, à encarnação, vivemos na história e não num idealismo teórico”. LIBÂNIO, João Batista. *Discernimento espiritual: reflexões teológico-espirituais*. São Paulo: Loyola, 1977. p. 142.

<sup>160</sup> CUSTÓDIO FILHO, S. *Exercícios na vida cotidiana* (EVC). p. 3.

Cada etapa tem uma íntima relação com a eleição, constantemente marcadas e orientadas pelo discernimento. A sequência do retiro inaciano juntamente com seus temas é distribuída da seguinte maneira<sup>161</sup>, segundo Custódio Filho:

*Princípio e Fundamento* (EE 23)

Exercício de “conhecimento do amor de Deus por toda a criação, e especialmente por nós, estimula a abertura da fé e uma resposta de amor”<sup>162</sup>. Deus que me ama deseja e quer o meu amor-resposta.

*Primeira Semana* (EE 24-72)<sup>163</sup>

Constituída por cinco meditações, é a busca da “liberdade de”. Dá-se pela experiência do pecado. O mal existe e nos atinge no nosso mais íntimo<sup>164</sup>. Por conseguinte, “da necessidade aí experimentada de ser *salvo*, dessa incapacidade para o bem nasce o desejo por um salvador pessoal e universal”<sup>165</sup>. A abertura a Jesus Cristo desponta. Dessa maneira, o exercitante experimenta e *acolhe* com alegria o perdão *dado* por esse Senhor tão misericordioso. É, assim, um processo de libertação, pela reintegração do eu, que reconduz a pessoa a Deus, para quem se deseja entregar a vida e com quem se quer viver. Em suma, o exercitante experimenta-se pecador e salvo<sup>166</sup>.

Ainda nessa semana, o desejo se une à disposição, postura favorável à atuação da graça, de seguir a Deus, sempre “a partir de [...] possibilidades concretas e em resposta a um apelo à missão pessoal e universal”<sup>167</sup>.

<sup>161</sup> Santo Inácio as resume do seguinte modo: a primeira semana “é a consideração e contemplação dos pecados; a segunda, a vida de Cristo nosso Senhor até o dia de Ramos, inclusive; a terceira, a paixão de Cristo nosso Senhor; a quarta, a Ressurreição e Ascensão, com a proposta dos três modos de orar” (EE 4). Fala ainda que cada semana não precisa necessariamente configurar sete ou oito dias, porque leva em conta o ritmo e a necessidade de cada pessoa.

<sup>162</sup> CUSTÓDIO FILHO, S., op. cit., p. 4.

<sup>163</sup> A Primeira Semana comporta ainda as Adições (EE 73-90) que têm como finalidade “criar uma atmosfera de recolhimento, da vigilância, de oração, que permita ao exercitante dirigir sua atenção só para Deus, para as iluminações e inspirações internas do alto”. KÖVECSES, G. Nota 91. p. 43.

<sup>164</sup> Dagnino concorda com muitos autores ao dizer que “o mal sempre foi e será o mistério mais nebuloso, mais discutido”. DAGNINO, A. Conformidade com a vontade de Deus. p. 252.

<sup>165</sup> CUSTÓDIO FILHO, S. *Exercícios na vida cotidiana* (EVC). p. 4. Em 1Cor 4, 7 encontramos o seguinte: “Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se recebeste, por que haverias de ti ensoberbecer como se não tivesses recebido”.

<sup>166</sup> “Todos os *Exercícios* da Primeira Semana giram em torno de três realidades indissolúvelmente ligadas: pecado, morte e inferno, meditadas à luz da cruz que nos salva. A consideração do inferno como possibilidade escatológica permite ao exercitante ver até onde pode chegar o poder da destruição do pecado”. WERNER, C. Nota 87. p. 40.

<sup>167</sup> CUSTÓDIO FILHO, S., op. cit., p. 3.

*Segunda Semana* (EE 91-189)

Nessa semana busca-se a “liberdade para”. O exercitante vai desde o exercício do Reino até ao conjunto das seguintes meditações: Duas Bandeiras, Classes de Pessoas e Graus de Amor.

Ele começa a ter um contato mais estreito com a História da Salvação, pelo confronto com a pessoa de Jesus Cristo através da contemplação dos mistérios da sua vida, desde a Encarnação e o seu Nascimento até o dia de Ramos, inclusive. Caminha de uma vocação geral a um chamado mais específico e particular: “pedirei a Nosso Senhor a graça de não ser surdo a seu chamado, mas pronto e diligente para cumprir sua santíssima vontade” (EE 91). No esforço das contemplações o exercitante cresce na intimidade com Deus; por elas é interpelado, iluminado e guiado, chegando ao conhecimento da vontade de Deus, a *eleição*. É a dinâmica do conhecer-amar para mais seguir<sup>168</sup>.

O conjunto de meditações dessa semana “visa verificar as disposições fundamentais do exercitante quanto à sua [...] indiferença e liberdade. Isto se faz comparando as opções oferecidas pelo ‘mundo’ e aquelas oferecidas por Jesus”<sup>169</sup>.  
*Terceira Semana* (190-209)<sup>170</sup>

Nessa semana busca-se a “liberdade com”. Pela contemplação da paixão de Cristo, nosso Senhor, “como consequência de um modo de vida, o exercitante comunga, com Ele, o mesmo risco para participar da salvação da humanidade”<sup>171</sup>. Na Terceira Semana o Mistério Pascal aparece mais evidenciado e a imitação e a identificação com Cristo crescem.

Contudo, nessa semana, o exercitante também poderá apresentar algumas resistências internas quanto ao seguimento de Jesus, assim como aconteceu com os apóstolos que vendo o sofrimento do seu Mestre se angustiaram e fugiram (cf. Mt 14, 26-72).

<sup>168</sup> As contemplações propostas por Santo Inácio não pretendem compor uma biografia de Jesus, mas dispõem a pessoa “para a assimilação pessoal do mistério de Cristo (*conhecer-amar*) e para configuração com Ele (*seguir*). [...] Sua vida humana é o grande horizonte para que possamos discernir o que devemos assumir hoje, fiéis no seu seguimento”. WERNER, C. Nota 122. p. 53.

<sup>169</sup> CUSTÓDIO FILHO, S. *Exercícios na vida cotidiana* (EVC). p. 5.

<sup>170</sup> Essa semana ainda comporta algumas “Regras para ordenar-se no comer” (EE 210-217) que consistem em indicações referentes à virtude da temperança, não relacionadas à penitência. “São aplicações do discernimento dos espíritos a um caso particular (alimentação) e estão relacionados com a primeira contemplação da Terceira Semana (EE 190-198: Última Ceia). A busca de maior comunhão com o ato salvador de Cristo e com o próprio Cristo deve envolver toda a realidade do exercitante”. WERNER, C. Nota 204. p. 85.

<sup>171</sup> CUSTÓDIO FILHO, S., op. cit., p. 5.

*Quarta Semana (218-237)*<sup>172</sup>

Semana em que se busca cultivar a esperança e a alegria. O exercitante contempla o mistério da Ressurreição de Jesus Cristo e sua Ascensão. Em maior liberdade, “o exercitante é integrado nessa humanidade renovada e vitoriosa do mal que é o Corpo de Cristo. Toda a sua vida se desenrola, a partir daí, no Espírito pela obediência à fé e a uma vida de serviço”<sup>173</sup>.

As quatro semanas dos *Exercícios*, dessa maneira, se desenvolvem em íntima relação com a *eleição* e em clima de discernimento, ou seja, o exercitante caminha rumo à união do *ágape* divino da melhor maneira possível. A ordem do retiro parte de uma “cristologia soteriológica (preparação remota), para uma cristologia de Encarnação (preparação próxima) até uma cristologia de seguimento, imitação e identificação (Eleição e confirmação)”<sup>174</sup>.

Antes de seguirmos para nosso próximo capítulo, queremos fazer referência à matéria da eleição, pois nem tudo pode ser considerado objeto de discernimento. De antemão, recordamos as atitudes necessárias de quem entra em determinado processo de discernimento: purificação ou desapego, generosidade e oração. A ordenação dos afetos, por exemplo, imprescindível na caminhada dos EE, deve excluir qualquer tendência-escolha a algo ruim. A generosidade e o ambiente oracional também devem proporcionar isso. Portanto, no discernimento inaciano não se trata de escolha entre algo bom e algo ruim, mas entre algo bom e algo melhor. Tudo que não seja bom ou indiferente deve ser excluído e, portanto, não pode ser considerada matéria para eleição.

Inácio diz que o objeto da eleição deve estar em sintonia com a Igreja, com Cristo e com Deus<sup>175</sup>. Na época dele sintonizar com a Igreja talvez fosse algo mais tranquilo. Hoje, como diz Libânio, “se complica um pouco mais, devido a uma consciência mais aguda da ‘objeção de consciência’ e da autonomia da consciência”<sup>176</sup>. Todavia, não se deve esquecer que Inácio fala a partir de sua época, onde dominava uma concepção bastante jurídica e hierárquica da Igreja. Com prudência, os Exercícios Espirituais podem e devem ser atualizados e, por

<sup>172</sup> Na Quarta Semana aparecem ainda os “Três modos de orar” (EE 238-260) que consistem em exercícios para disporem melhor a pessoa para a oração; perseverar nos seus propósitos etc.

<sup>173</sup> CUSTÓDIO FILHO, S. *Exercícios na vida cotidiana* (EVC). p. 5.

<sup>174</sup> LIBÂNIO, J. B. *Discernimento espiritual*. p. 143.

<sup>175</sup> Cf. EE 170, 353, 365 (com a Igreja); EE 135, 146 (com Cristo); EE 23, 46 (com Deus).

<sup>176</sup> LIBÂNIO, J. B., op. cit., p. 144.

isso, “hoje teríamos que aceitar a possibilidade de verdadeira eleição inaciana sobre tema que ainda estivesse sob certa suspeita da Igreja hierárquica”<sup>177</sup>.

Outro ponto abordado por Inácio sobre a matéria da eleição e que pode ser discutido são os casos de objeto de *eleição imutável* (cf. EE 171-172), como nos casos do sacerdócio e do matrimônio, por exemplo. Em sua época, um sacerdote retomar sua decisão era impensável, atualmente isso é possível. Contudo, ao mesmo tempo, Inácio dá algumas indicações de suma importância sobre eleição viciada em sua raiz: “devemos observar que se alguém não fez uma eleição devida e ordenadamente, sem afeições desordenadas, arrependa-se, e procure levar uma vida boa naquilo que escolheu” (EE 172). Ou seja, redescubra-se, ou refaça a eleição. Se a eleição já foi bem feita, apenas aperfeiçoe-a (cf. EE 173).

Desta maneira, do ponto de vista inaciano podemos falar de uma dupla eleição. Uma de cunho definitivo<sup>178</sup>, “enquanto conversão íntima do homem para a interioridade de Deus”<sup>179</sup>. A outra é a encarnação dessa eleição. No caso de Inácio seria, por exemplo: ficar ou não em Jerusalém; fundar ou não a Companhia de Jesus etc.

O processo da eleição e a eleição em si nos Exercícios Espirituais leva, no fundo, o exercitante a uma importante reflexão da sua vida. Dispõe-no a uma existência mais sintonizada com o Espírito de Jesus. Por consequência, ajuda-o a perceber a verdadeira intencionalidade de suas ações e escolhas de modo que seja capaz de desapegar-se de fato de toda desordem, consciente ou não, para bem viver.

Um último ponto sobre a matéria da eleição é que se siga certa ordem lógica. Quer dizer, “deve-se procurar ordenar as decisões segundo uma ordem psicológica e não simplesmente cronológica. Cada alternativa deve ser discernida por sua vez”<sup>180</sup>.

---

<sup>177</sup> Ibid., p. 144.

<sup>178</sup> Como a experiência de Inácio que começou em Loyola e teve seu cume em Manresa.

<sup>179</sup> LIBÂNIO, J. B., op. cit., p. 145.

<sup>180</sup> Ibid., p. 145.